

## SUSTENTABILIDADE

RHETT A. BUTLER/MONGABAY.COM

# Terra de ‘todos’ é terra de ninguém

Lentidão na cessão de florestas públicas a povos nativos contribui para desmatamento, diz estudo

RENATO GRANDELLE

Enviado especial

renato.grandelle@oglobo.com.br

**-OAXACA, MÉXICO-** Em outubro, quando assumir o Palácio de Bogor, o novo presidente da Indonésia, Joko Widodo, terá em sua pauta uma ambiciosa promessa de campanha. Eleito no início desta semana, Widodo assegurou que seu governo vai restaurar 2 milhões de hectares de florestas degradadas. É um esforço necessário em um país que, entre 2000 e 2012, perdeu 6 milhões de hectares de mata, uma área quase igual à da Irlanda. A nação asiática é um exemplo do descaso com as comunidades tradicionais e indígenas. A burocracia que paralisa a legalização de terras para essas populações (por lá, 96% das áreas verdes ainda estão nas mãos de um Estado incapaz de cuidar delas) e a liberdade de ação de empresas poluentes são a fórmula para a crescente emissão de gases-estufa, o motor das mudanças climáticas.

Nos locais em que as comunidades não têm seus poderes legais reconhecidos, as florestas são mais vulneráveis ao desmatamento. A conclusão é do estudo “Garantindo direitos, combatendo a mudança climática”, do Instituto de Recursos Ambientais (WRI) e da Iniciativa para Direitos e Recursos (RRI). O relatório avaliou a liberdade de atuação dos povos tradicionais em 14 países. A Indonésia ocupa a lanterna do ranking. No entanto, mesmo os líderes — Brasil, México e Guatemala — enfrentam problemas.

— Existe um impasse, pois os governos querem proteger os interesses nacionais e decidir o que fazer com as florestas, mas as comunidades locais reivindicam os seus direitos — conta o diretor do WRI, Robert Winterbottom. — Todos querem usufruir dos bens econômicos gerados nesses ecossistemas.

## PREOCUPAÇÃO TAMBÉM NA ÁFRICA E NA AMAZÔNIA

O Supremo Tribunal da Indonésia determinou que as florestas não devem ser propriedades do Estado, mas a decisão foi ignorada pelo governo.

— Cerca de 50 milhões de pessoas moram nos bosques e precisam deixar suas casas porque grandes indústrias, como a da celulose, podem entrar na floresta e fazer o que bem entendem — lamenta David Kaimowitz, diretor de Recursos Naturais e Desenvolvimento Sustentável da Fundação Ford, que financiou o estudo.

Segundo Kaimowitz, a marginalização das populações tradicionais também ocorre em países como Congo, Camarões e em trechos da Amazônia, onde atuam mineradoras e petrolíferas.

Outro problema brasileiro é a lentidão para reconhecer as comunidades tradicionais. No ano

passado, apenas a Terra Indígena Kayabi, no Pará, concluiu esse processo.

— Essas operações são demoradas porque o governo não tem capacidade administrativa para avançar — assinala Kaimowitz. — Além disso, é preciso lidar com a oposição de grupos poderosos, como ruralistas e industriais.

## TRAFICANTES EXPULSAM POPULAÇÃO

As comunidades na América Central também contam com territórios ameaçados. No Norte da Guatemala, a região de Laguna del Tigre foi tomada por traficantes, e as concessões de proprietários de terra da região foram cassadas pelo governo, que instalou um batalhão militar no local.

O relacionamento com o Estado é sempre um assunto delicado para os povos tradicionais. Como a concessão de terras guatemaltecas precisa ser renovada a cada 25 anos, as populações indígenas têm de lidar com o humor dos políticos.

— Precisamos fazer um lobby a cada vez que há mudanças no governo — explica Juan Ramón Girón, subdiretor da Associação de Comunidades Florestais de Petén (Acofop), que atua no Norte do país. — Em geral, nosso trabalho é reconhecido. No entanto, algumas decisões são tomadas por falta de informação ou para satisfazer interesses de financiadores de campanhas.

Ao contrário dos companheiros do país vizinho, a população de comunidades tradicionais mexicanas tem suas terras por tempo indeterminado. Sua soberania, porém, está ameaçada.

— A terra é dos povos indígenas, mas o que está sob ela é monopólio do governo — explica Iván Zuñiga, coordenador do

Conselho Civil Mexicano para a Silvicultura Sustentável. — O Estado tem demonstrado interesse em explorar os recursos do subsolo, concedendo-os a empresas de água, gás natural e petróleo.

O Parlamento mexicano tem debatido reformas que permitam essas concessões. Sua aprovação, dizem especialistas, terá impactos ambientais em áreas protegidas, como a região do Golfo.

O estado de Oaxaca, no Sul do país, é testemunha de como os setores industriais podem manchar regiões habitadas por populações tradicionais. Uma empresa de mineração canadense, instalada há 200 anos na região de Sierra Norte, contaminou 13 mananciais. As comunidades locais reivindicam a área ocupada pela indústria, que é de 50 mil hectares. Nas grandes florestas analisadas pelo estudo, durante o bate-boca entre Estado, setor privado e povos indígenas, muita água ainda vai passar por debaixo da ponte. ●

*O repórter viajou a convite da agência de comunicação Burness Communications*

“É preciso lidar com a oposição de grupos como ruralistas e industriais”

David Kaimowitz  
Diretor da Fundação Ford



**Devastação na Indonésia.** Governo detém 96% das florestas, mesmo sem autorização do Supremo Tribunal do país

## Humanidade está provocando a sexta grande extinção em massa

Só nos últimos 500 anos, 322 espécies de vertebrados desapareceram

No último meio bilhão de anos, a Terra enfrentou cinco episódios de extinção em massa, nos quais até 96% das espécies simplesmente desapareceram. Todas elas tiveram “causas naturais”, sendo a mais conhecida, e recente, a que decretou o fim dos dinossauros, cerca de 65 milhões de anos atrás, que se acredita ter sido provocada pela queda de

um imenso meteoro na região de Chicxulub, na atual da Península de Yucatán, México. Agora, no entanto, cientistas creem que a Terra está atravessando um sexto processo de extinção em massa. Desta vez, nós somos os responsáveis por ela.

### INSETOS EM GRANDE RISCO

Chamado de “extinção do Antropoceno”, esse processo é tema de edição especial da revista “Science” desta semana, com quatro artigos que procuram identificar o atual ritmo de perda da fauna do planeta, possíveis soluções ou medidas para sua mitigação e

seus efeitos tanto sobre o ambiente quanto sobre a própria sociedade humana. Em um deles, um grupo de pesquisadores liderado por Rodolfo Dirzo, da Universidade de Stanford, nos EUA, revisou diversos estudos recentes para mostrar as semelhanças da atual extinção com as anteriores, tanto em termos de número de espécies perdidas quanto de sua variedade em tamanho e grupos taxonômicos.

Segundo os pesquisadores, só nos últimos 500 anos pelo menos 322 espécies de vertebrados desapareceram do planeta. E, das estimadas 5 milhões a 9 milhões

de espécies de animais da Terra, 11 mil a 58 mil estão sumindo anualmente. Mais preocupante ainda, porém, é a forte redução observada nas populações da maioria deles, em especial entre os invertebrados como insetos, menos estudados e conhecidos, mas com papel fundamental no equilíbrio e manutenção de ecossistemas e seus serviços ambientais.

De acordo com os cientistas, 67% das poucas espécies de invertebrados monitoradas apresentaram um declínio médio de 45% na sua abundância nos últimos 35 anos, período

em que a população humana do planeta dobrou.

— Tendemos a pensar em extinção como o desaparecimento de uma espécie, e isso é muito importante, mas há a perda de funções críticas dos ecossistemas nas quais os animais têm um papel central a que também devemos dar atenção — alerta Dirzo. — Ironicamente, temos considerado a perda de fauna um fenômeno críptico, mas creio que acabaremos em uma situação em que ela será não críptica devido às crescentes e óbvias consequências que isso terá sobre o planeta e o bem-estar humano.

Na revisão, os cientistas citam que invertebrados e pequenos vertebrados, como pássaros e anfíbios, são fundamentais em processos essenciais para a natureza e a sociedade, como polinização, controle de pragas, reciclagem de nutrientes e manutenção da qualidade da água. Ainda esta semana, dois outros levantamentos mostraram que cerca de 13% das espécies de aves do mundo estão na “lista vermelha” das ameaçadas e que o aquecimento global está reduzindo a população de leões-marinhos e mudando seu perfil genético. ●